

EDITORIAL

A LETRA MATA, O ESPÍRITO VIVIFICA: UMA NOTA SOBRE A SINGULARIDADE DA EXEGESE BÍBLICA

The Letter Kills, the Spirit gives Life: a note on the uniqueness of Biblical Exegesis

Não é possível superestimar o papel da exegese na construção da teologia e doutrina bíblicas. Mesmo sendo o ponto de partida para ambas, deve-se reconhecer que não há chegada sem partida. E, para continuar com a analogia, não é possível chegar ao destino certo se no início da jornada se tomar qualquer direção equivocada, mesmo que se constitua no menor erro possível. A história tem sido testemunha de como erros teológicos podem ser dramaticamente perigosos afetando a vida de milhares de pessoas.

É interessante a definição de exegese bíblica que Paulin oferece. Para ele exegese é a “arte de aprender a ler a Bíblia de tal modo a deixar aberta a possibilidade de aprender alguma coisa”¹. De fato, exegese é o melhor remédio para se evitar o autoengano e permitir que os “pré-conceitos ilegítimos”² dominem o modo como se enxerga qualquer parte das Escrituras.

Porém, mais do que uma tarefa acadêmica, a exegese “abre o caminho para a Bíblia tocar nossos corações exatamente com aquilo que nós precisamos conhecer e entender”³. Por isso, a exegese não é apenas uma tarefa histórico-acadêmica, é uma tarefa espiritual. A própria natureza dos textos reivindica tal visão deste empreendimento hermenêutico. Sobre a especificidade do discurso religioso encontrado na Bíblia, Paul Ricoeur destaca:

com efeito, é porque os textos da revelação bíblica nomeiam Deus e Cristo que os referentes últimos funcionam ao mesmo tempo como poder infinito de reunião, ponto de fuga e indício de incompletude de todas as formas parciais do discurso, e, portanto, abrem um horizonte que escapa ao fechamento de todo discurso humano e a linguagem religiosa se distingue de todas as outras linguagens⁴.

Tal distinção exige mais do que habilidade histórica. Nas palavras de Claude Geffré, requer “a ação do Espírito”⁵. Ele afirma que “se temos

1 PAULIEN, Jon. **The deep things of God**. Hagerstown: Review and Herald, 2004, p.79.

2 GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**. 8.ed. Trad. de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 356.

3 PAULIEN, 2004, p.80.

4 RICOEUR, Paul. **A hermenêutica bíblica**. São Paulo: Loyola, 2006, p.47.

5 GEFFRÉ, Claude. **Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 49.

alguma chance de poder dar uma justa interpretação dos textos que traduzem a experiência cristã, é que o mesmo Espírito que atua no escrever a experiência, também atua hoje na interpretação dos textos que traduzem esta experiência religiosa”⁶.

Tendo em vista isso, a presente edição da Revista *Hermenêutica* busca proporcionar exemplos de uma abordagem exegética que leva a sério ambas as dimensões envolvidas na tarefa: a histórica e a espiritual. O resultado dessa abordagem histórico-espiritual é claro: uma interpretação enraizada no passado, comprometida com o presente e firmemente engajada com o futuro, porque se pode concordar com Körtner, quando afirma que “sentido e significado não existem em si, mas sempre para alguém”⁷. Assim, uma exegese bíblica alienada das preocupações contemporâneas guiadas pelo Espírito não é apenas incoerente com seu objeto de estudo, mas também improdutiva e irrelevante, e como tal dispensável.

Portanto, é com satisfação que a Revista *Hermenêutica* mais uma vez apresenta uma coletânea exegética que busca não apenas estar comprometida com uma séria pesquisa histórica e textual, mas também engajada com as preocupações hodiernas tanto da sociedade quanto da igreja. Tal prática exegética é realizada a partir de uma forte consciência da singularidade espiritual das Escrituras como livro texto da tradição judaico-cristã.

No artigo “O ensino da Bíblia e a educação cristã: reflexão teológica em Deuteronômio 6:4-9”, Renan Daniel de Souza revisa um dos fundamentos bíblicos da educação cristã por meio de uma análise exegética de Dt 6:6-9, destacando o importante papel dos pais na educação, segundo a cosmovisão bíblica. Por sua vez, Felipe Gonzaga Ribeiro analisa em seu artigo “A identidade do pastor Davi em Ezequiel 34:23” o ímpeto messiânico nessa intrigante e curiosa profecia que menciona o rei que governa sob a nação unificada muito antes de ela ser proferida.

No campo da teologia bíblica, Joaquim Azevedo, em seu artigo “The anthropological concept in Chronicles and its implications to the eschatological remnant”, explora o tema da antropologia veterotestamentária a partir do livro de Crônicas. A abordagem dessa temática em Crônicas se torna importante por duas razões. Primeiro, por que se trata da visão mais tardia do assunto no cânon do Antigo Testamento. E, em segundo lugar, o livro se mostra produtivo, pois concebe o homem no contexto do remanescente exílico, o que acaba sendo fundamental para o pensamento desenvolvido pelo autor.

O intrigante episódio da praga das serpentes em Nm 21 tem levantado questionamentos sobre a natureza do caráter de Deus como revelada no

⁶ IBIDEM, p.49.

⁷ KÖRTNER, Ulrich H. J. **Introdução à hermenêutica teológica**. São Leopoldo - RS: Sinodal, 2009, p.10.

Antigo Testamento, em particular na Torah. Numa tentativa de abordar a questão, Pablo Rotman Garrido busca explorar a natureza do caráter de Deus neste episódio, no artigo intitulado “La enseñanza de Números 21:4-9 en relación al carácter del Dios de la Torah”.

No campo da história da formação do texto bíblico, Jônatas de Mattos Leal avalia a teoria composicional de Raymond Brown do evangelho de João. O renomado autor e teólogo católico influenciou e ainda influencia gerações de estudiosos do Novo Testamento. Contudo, sua teoria sobre a composição de João tem sido revisada à luz da crítica literária moderna. Uma discussão introdutória sobre a questão é oferecida no artigo sob o título “Reconstruindo a história composicional do Evangelho de João: uma breve avaliação da teoria de Raymond Brown”.

Voltando para o campo da exegese bíblica Carlos Molina oferece, no penúltimo artigo desse número, um interessante estudo sobre Ap 21:1. No artigo “And there was no more sea: a brief reflection on Apocalypse 21:1”, o autor analisa o conceito de “mar” em Ap 21:1 e sua função teológica no contexto final do livro. Atenção especial é dada à metáfora da separação presente na imagem do mar na Nova Terra por ocasião da reunião final dos remidos na nova Jerusalém.

Por fim, no campo da teologia histórica, Gérson Cardoso Rodrigues estuda a compreensão milerita sobre as sete trombetas de Apocalipse. Em seu artigo “The millerites and the seven trumpets of Revelation”, o autor retoma a infundável discussão sobre um dos textos mais debatidos do Apocalipse. A diversidade de opiniões sobre o assunto aponta para a “fecundidade” teológica da perícopé. No presente trabalho, o principal objetivo do autor é apresentar o desenvolvimento milerita sobre o assunto a partir do entendimento e contribuição de Guilherme Miller e Josias Litch para a interpretação da passagem.

JÔNATAS DE MATTOS LEAL
Coordenador de Pós-graduação - SALT/IAENE